

Imagens da diferença: prostituição e realojamento na televisão

ISABEL FERIN *

Introdução

Este artigo tem como objectivo confrontar determinados grupos, identificados como mais frágeis, com as suas imagens no *prime-time* das televisões generalistas. Com este objectivo, realizaram-se entrevistas em profundidade e sessões de grupo de foco, com mulheres brasileiras e ciganas. Os resultados que se apresentam decorrem de dez entrevistas a mulheres brasileiras, realizadas na Região Centro, e de uma sessão de grupo de foco organizada no bairro da Ameixoeira tendo como referentes respectivamente, a temática «Mulheres brasileiras prostituídas» e «Acções de realojamento».¹ Os dados levantados nas entrevistas com as mulheres brasileiras permitiram a identificação de uma peça-tipo televisiva sobre o tema, enquanto na sessão de grupo de foco com as mulheres ciganas foi visualizada uma peça televisiva sobre uma «Acção de realojamento» no bairro de São João do Porto.

Os guiões dos grupos de foco e das entrevistas em profundidade foram construídos a partir dos utilizados na pesquisa de Lopes, Borelli e Resende (2002) sobre a recepção das telenovelas na cidade de São Paulo. No entanto, foram realizadas adequações em função da realidade portuguesa e do grupo-alvo a que se destinava a aplicação. No que toca às imigrantes brasileiras, o guião contemplou as migrações em Portugal (Baganha e Góis, 1999; Peixoto, 2004; Lages e Policarpo, 2003; Malheiros, 2005) e os estudos sobre as mulheres imigrantes, na Europa e em Por-

* Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (iejfl@uc.pt)

tugal (Morokvasic, 1993; Gaspard, 1998; Perista, 1998; Gonçalves e Figueiredo, 2005; Padilha, 2005). O contacto com as mulheres de etnia cigana fez-se por intermediação da Pastoral do Cigano, no centro de apoio social da Zona 3. Na adequação do guião à comunidade cigana foram utilizados estudos referentes às relações de género, ao realojamento e à escolarização (Marinho e Amaro, 2003; Casa-Nova, 2004; Mendes, 2005).

O enquadramento teórico da investigação, que será exposta em seguida, aborda as teorias sobre os *media* e as minorias, bem como as teorias sobre os *media*, a globalização e a identidade, na perspectiva da recepção (Appadurai, 2004; Canclini, 2001; Orozco, 2001; Barker, 2003).

I. Teorias sobre os *media* e as minorias

Há uma vasta literatura internacional que tem enquadrado teoricamente, a partir do campo dos *media*, os estudos sobre *media* e as minorias étnicas. Dentro destas abordagens múltiplas sistematizam-se três tendências, fundamentadas em paradigmas teóricos e conceptuais diferenciados. A primeira corrente de estudos inicia-se na década de 1960 e centra-se na análise do vocabulário e dos discursos. Estes trabalhos acolhem sucessivas actualizações e contribuições de outros quadrantes teóricos, nomeadamente da linguística e da informática. Um outro conjunto de estudos confere às rotinas jornalísticas, e à natureza empresarial dos *media*, determinadas características das notícias sobre minorias. A última corrente situa as minorias nos contextos das migrações e da globalização, e atribui aos dispositivos mediáticos um papel determinante nos processos de migração. Os estudos que integram esta tendência ressaltam a interacção quotidiana entre estes dispositivos e os sujeitos, atribuindo aos *media* um grande protagonismo na definição de imaginários e projectos de acção.

1. Análise dos discursos

Na Europa, o primeiro conjunto de estudos sobre as migrações e os migrantes parte das teorias linguísticas estruturalistas que se debruçam sobre características da lexicalização e do discurso. O desenvolvimento desta corrente vai demonstrar que a utilização, pelos grupos dominantes, de um certo vocabulário e de determinadas construções discursivas em torno de isotopias temáticas contribuíram para o nascimento de uma visão etnicizada e essencialista das migrações. Esta visão da sociedade hegemónica, expressa nos discursos, estaria presente não só nas re-

lações entre o Estado e as minorias, mas também entre os grupos dominantes e as minorias. Nesta perspectiva, os discursos dos grupos dominantes deveriam ser analisados e criticados, pois seriam os grandes promotores socioculturais da «diferença» (Barats, 2001: 149-179). Nos *media*, estes estudos iniciam-se na década de 1970, tendo como *corpus* de análise a imprensa, mas alargaram-se à televisão nos anos 80. Na década de 1970, o foco de análise discursiva esteve nos critérios de qualificação (geográficos, culturais, económicos, jurídicos ou físicos) do Outro. Nos anos 80, os mesmos estudos salientaram, por meio de análises extensivas e intensivas, o carácter persecutório e policial de que as minorias eram alvo nas sociedades de acolhimento e identificaram as estratégias discursivas utilizadas pela sociedade dominante, que visavam ressaltar a clandestinidade e a criminalidade. Na mesma década, surgem os primeiros estudos sobre as mulheres e as relações entre géneros, que, incidindo sobre os grupos étnicos específicos, evidenciaram as particularidades discursivas destas temáticas.

Nos anos 90, e no início do novo século, os novos contextos das migrações na globalização alteraram os discursos sobre as minorias, dando origem a um conjunto de estudos, com base na *análise crítica do discurso*, que assinalaram as condicionantes contextuais, históricas e situacionais dos discursos. Esta mesma linha de estudos vai dar ênfase ao discurso como forma de acção e prática social, evidenciando, no entanto, as estratégias de “tecnologização” discursivas desenvolvidas nos e pelos *media*, sobretudo quando abordam matérias sensíveis, como as referentes ao género e às migrações. Para além da análise do vocabulário, esta perspectiva teórica salienta a relação da linguagem com o poder e a dominação e assume, como objectivo disciplinar, promover uma descrição detalhada das estratégias discursivas dominantes utilizadas nos *media* e pelos *media*, pois «as palavras não são neutras» (Fairclough, 1995: 6). Para os autores que trabalham segundo esta corrente, o Outro é uma construção discursiva exercida sobre aqueles que são percebidos como diferentes, noção que pode estender-se para além do conceito de grupo étnico (Riggins, 1997: 1-29). Ao mesmo tempo, são identificadas duas ordens de discurso e de acções enquanto factores de desigualdade e de discriminação: uma ao nível micro, em que o discurso surge como forma de interacção directamente discriminatória, e outra ao nível macro, nomeadamente nos *media* e na política, em que os géneros e as ordens discursivas estão institucionalizados e constituem objecto da «teoria política» (Mills, 1975). No seguimento destas observações, são identificadas categorias de distinção do Outro, fundadas em práticas discursivas de hierarquização de sentidos, pautadas por marcas utilizadas para criar distanciamento sobre o que é dito publicamente sobre o Outro, bem como formas de silenciamento e encobrimento da sua “voz”, enquanto definidor primário da informação.

2. A produção das notícias

Um outro conjunto de estudos vai analisar a relação entre os *media*, a etnicidade e as migrações, a partir do campo dos *media* e do jornalismo. Estes trabalhos seguem duas orientações fundamentais: um conjunto de autores atribui os aspectos discriminatórios das notícias às rotinas das redacções e ao controlo social da produção da notícia; um outro grupo tende a assacar esses aspectos à visão empresarial dos *media*, coadjuvada por procedimentos elitistas dos jornalistas. No primeiro grupo encontram-se aqueles que, tais como Molotch, Lester (1997) e Hall (1978)², atribuem os aspectos discriminatórios das notícias aos procedimentos utilizados, em consonância com categorias socialmente construídas na identificação de acontecimentos e temas. Para estes autores, os *media*, em função das suas rotinas e práticas de produção da notícia, socorrem-se preferencialmente de fontes institucionais (definidores primários), relegando para segundo plano as fontes não-estruturadas, integradas por cidadãos comuns (definidores secundários). Através destas práticas, os *media* tendem a reproduzir a visão dominante sobre os grupos étnicos (fomentando os estereótipos) e a seleccionar acontecimentos que irrompem a fronteira do consenso, com base em valores-notícia ancorados em estórias esquisitas, extraordinárias, dramáticas, morais, humorísticas ou violentas (Tulloch, 1978)³.

O segundo conjunto de autores considera que o tratamento conferido aos grupos minoritários – que surgem normalmente como notícias em crimes ou em festivais musicais e culturais – se aproxima do tratamento atribuído a outros grupos sociais fragilizados, pois o que está em questão são as forças de mercado que ditam as práticas de rotina e exigem grandes audiências para vender aos anunciantes (Kurpius, 2002). Nesta perspectiva, a matéria-prima “acontecimento” que envolve grupos minoritários tende a ser tratada como notícia leve (*soft news*), através de dispositivos técnicos e cénicos que personalizam e dramatizam uma acção, tratada como uma novela desviante e fora do comum, mas ancorada em expectativas, temores e anseios sociais dominantes (Jamieson e Campbell, 2000). Este tipo de tratamento “tablóide” das notícias tende a ser considerado nas democracias ocidentais como lesivo à cidadania (Sparks e Dahlgren, 1992)⁴, mas para alguns autores que defendem o conceito de audiências activas (isto é, audiências que constroem sentidos a partir das mensagens recebidas) a “tabloidização” é uma forma de quebrar a hegemonia do discurso politicamente correcto e de repor o consenso popular sobre determinados temas (Bird, 2000)⁵.

3. As audiências na globalização mediatizada

O papel dos dispositivos mediáticos na globalização é reconhecido pela literatura em geral. A estes dispositivos atribui-se não só a construção de uma nova ordem mundial pós-colonial, mas também a construção, e a desconstrução, de identidades particulares e de grupo. Estes dispositivos são, também, segundo alguns autores (Appadurai, 2004; Canclini, 2001), os grandes impulsionadores de imaginários que levam às migrações e à busca de outras vidas em outros espaços. Aos mesmos dispositivos é atribuída a disseminação ininterrupta, omnipresente nos quotidianos urbanos, de vastos repertórios de informação, imagens e ideias geradores de complexos processos de esbatimento e ruptura entre o real e o ficcionado. Estes repertórios, designados «mediapaisagens» por Appadurai (2004), oferecem aos públicos consumidores múltiplas narrativas de si e de outros, povoadas de possíveis vidas, cenas e personagens a realizar. Os dispositivos mediáticos surgem, deste modo, como escaparates, ou vitrinas, de identidades possíveis, associando-se aos processos de socialização constantes que a mobilidade e a transitoriedade, dos sucessivos ajustamentos de trajectórias de vida, exigem. Num processo complementar e simultâneo, os mesmos dispositivos tendem a sobrepor a estas identidades individuais construídas outras identidades, grandemente imaginadas e abstractas, arregimentadas em torno das culturas nacionais, da língua comum e das tradições partilhadas.

Canclini (2001) situa estas novas formas de imaginação, preferencialmente, nas cidades, nas metrópoles de todos os continentes, locais privilegiados de interacção de fluxos humanos de diversas proveniências, onde o capital internacionalizado, as tecnologias e a criação cultural e artística adquirem alucinantes ritmos de uso e consumo. Nestes espaços, sem geografia e cultura de pertença, cabe à imaginação – mediada pelas redes informacionais e comunicacionais – um papel integrador, apaziguador de tensões e desigualdades sociais, mas também criador, estimulando e engendrando novas formas de expressão e novas «fabricações de vidas sociais» (Appadurai, 2004).

Autores latino-americanos atribuem à televisão – dispositivo mediático por excelência – um papel crucial nestes cenários, não só por, ininterruptamente, construir e reconstruir os imaginários e as identidades, como também por exorcizar as mais «secretas perversões sociais» (Martín-Barbero e Rey, 2001), nomeadamente as formas extremas de violência urbana. Para estes autores, a televisão, artefacto do lar, promove, pela sua natureza, competências técnicas, discursivas e narrativas universais e locais, tornando-se o grande motor de interpelação e perturbação dos quotidianos urbanos e sociais. Neste sentido, ela apresenta e

torna acessível às grandes maiorias outros mapas mentais, funcionando como uma fábrica de imaginários, simultaneamente disseminadora de estilos de vida e impulsionadora de múltiplas formas de *desancoramento* e projecção de trajectórias individuais.

Há uma vasta literatura sobre o impacte da televisão nas sociedades e sobre os seus potenciais efeitos nos indivíduos, que oscila, ciclicamente, em função das micro e macro estratégias políticas e económicas, entre os efeitos directos e os efeitos indirectos da exposição aos *media*. Outros estudos atribuem, aos dispositivos mediáticos, a capacidade simbólica de estruturarem o conhecimento público, orientando a opinião pública e condicionando a distribuição social dos conhecimentos colectivos. Nesta linha de raciocínio, a realidade reportada pelos *media*, seja informação, seja entretenimento, tenderia a constituir-se como uma realidade construída socialmente. Outros estudos, ainda, centram-se não nos efeitos dos conteúdos veiculados, mas nos mecanismos sociais de visualização e apropriação desses mesmos conteúdos. Esta orientação está presente não só nos estudos sobre audiências e recepção (Livingstone, 1990; Alasuutari, 1999), mas também em teóricos latino-americanos (Martín-Barbero, 1997; Orozco, 2002; Martín-Barbero e Rey, 2001), que especificam, na relação das audiências com a televisão, os conceitos de recepção, mediação, televidência e percepção. Para estes autores, a globalização mediática – com a subsequente globalização das telenovelas latino-americanas – e as novas tecnologias impulsionaram pesquisas centradas na criação cultural de significados, articuladas em torno de alguns postulados, tais como os «receptores não deixam de ser sujeitos sociais quando estão em interacção com os *media*», a «recepção não começa nem termina nos momentos de contacto directo com os referentes mediáticos» e «todo o processo de recepção está necessariamente mediado por diversas fontes» (Orozco, 2002).

II. O desenho da investigação

Neste capítulo, apresenta-se o desenho da investigação. Com este objectivo, traça-se o contexto social dos grupos observados, enunciando alguns dados caracterizadores da situação da mulher imigrante brasileira e da mulher cigana. Em seguida, descrevem-se os procedimentos metodológicos que fundamentaram as opções de trabalho de campo, bem como as metodologias utilizadas na análise das peças televisivas e na investigação sobre a recepção.

1. As mulheres brasileiras e ciganas em Portugal

Não há registos coincidentes sobre o número actual de brasileiros a viver em Portugal. Segundo o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), em 2003, estariam regularizados cerca de 26 561 brasileiros; contudo, dados de 2004, do Instituto Nacional de Estatística (INE), apontam para um número superior a 100 mil entre os que se encontram em situação legal e ilegal⁶. A caracterização da imigração feminina brasileira, realizada com base no censo de 2001 (Padilha, 2005; Gonçalves e Figueiredo, 2005), aponta para uma população feminina maioritariamente em idade activa e residente na região de Lisboa e Vale do Tejo (48,8%), seguida das residentes nas regiões Norte (24%) e Centro (16%). Como constata diversos estudos (Machado, 2004; Padilha, 2005; Malheiros, 2005), as mulheres imigrantes brasileiras constituem cerca de 40% do contingente dos brasileiros imigrados e exercem – como todos os imigrantes em geral – actividades de nível inferior às suas qualificações, estando ocupadas nos sectores não-qualificados e nas tarefas descritas como administrativas do comércio e serviços.

A partir do início do milénio, surgiram, integrando o fluxo da imigração brasileira, agências e redes de imigração clandestina, que descobriram na prostituição da mulher brasileira um nicho de mercado. Estas redes, em que se associaram interesses portugueses e brasileiros, passaram a explorar não só o tráfico de mão-de-obra ilegal, mas também negócios ligados à noite e à prostituição (Peixoto *et al.*, 2005) estimando-se, hoje, que cerca de quatro mil mulheres – circulando entre Portugal e Espanha – trabalham neste tipo de actividades.

Não são coincidentes os dados referentes ao número de cidadãos portugueses susceptíveis de serem considerados ciganos, oscilando entre cerca de 40 mil e 92 mil (Mendes, 1998), hoje quase totalmente sedentarizados. Em traços gerais esta população caracteriza-se por viver, maioritariamente, em condições sociais adversas, pautadas pela pobreza, o analfabetismo, a habitação precária e a venda ambulante. A esta marginalização social e económica acrescentam-se históricos preconceitos e formas sistemáticas de estigmatização da sociedade e da cultura dominante, a que o povo cigano responde, sobretudo, através da auto-exclusão e da resistência à mudança e à inovação. A organização social dos ciganos é patriarcal e constituída por famílias e linhagens em que a mulher tem um papel central, não só na reprodução biológica, mas sobretudo garantindo o quotidiano da vida doméstica e a continuação das tradições ciganas. A mulher cigana tem a seu cargo a educação dos filhos pequenos e a “honra” das filhas prometidas, desde tenra idade, em casamento (Costa, 2004). Apesar deste papel central, os estudos sobre ciganas demonstram que a condição de género determina a su-

bordinação da mulher ao poder masculino e ao grupo social. Por outro lado, os mesmos estudos consideram que esta subordinação da mulher cigana reforça, aos olhos da sociedade dominante, os preconceitos e estereótipos sobre esta comunidade (Mendes, 2005).

Um dos factores que mais contribuíram para a estigmatização do povo cigano foi o seu nomadismo, referenciado em Portugal desde o século xv, e que se estende, sob diversas formas, até aos finais do século xx. O nomadismo e a ausência de tradição de trabalho assalariado retiraram ao grupo cigano, ao longo dos séculos, capacidades de integração e participação política. O percurso de progressiva sedentarização, provocado por factores económicos, políticos e sociais, levou, primeiramente, ao assentamento de acampamentos, depois à construção de barracas. Como refere Mendes (1998) as características identitárias, «relativamente distanciadas e incompreendidas pela sociedade dominante», resultaram na estigmatização deste grupo. Esta situação parece ter-se agravado nas últimas décadas, tendo-se acentuado o fosso socioeconómico entre este grupo e a sociedade portuguesa em geral. A inserção problemática do grupo é, também, atribuída às imagens pouco positivas veiculadas pelos *media* (Mendes, 1998; Ferin Cunha *et al.*, 2002), sobretudo nos noticiários das televisões. Entre as imagens mais recorrentes estão as das rusgas policiais aos acampamentos e bairros de realojamento social, nas periferias das grandes cidades portuguesas.

O bairro de São João de Deus, no Porto, constitui um dos bairros mais antigos de realojamento e, também, um dos que apresentam maiores problemas de pobreza e exclusão social. Abriga populações de origem lusa, africana e cigana – estes últimos seriam cerca de 1/3 dos habitantes –, todas com graves carências económicas. Num estudo recentemente realizado sobre a etnia cigana a viver no bairro, dá-se conta de um crescente clima de insegurança, que os moradores ciganos associam ao consumo e venda de droga, bem como ao abandono que as autoridades, inclusive a polícia, votaram ao bairro (Mendes, 2005). Na tentativa de reverter esta situação, a Câmara do Porto decidiu, nos últimos anos, demolir os conjuntos habitacionais mais degradados e proceder ao realojamento destas pessoas noutros locais.

Este bairro, tal como outros situados em Lisboa, é alvo de constantes notícias na imprensa e na televisão, como demonstram dois estudos realizados sobre os *media* e as minorias em Portugal.⁷

2. Metodologias de análise

O desenho da investigação teve como objectivo apreender as percepções de dois grupos de mulheres relativamente a temas com proximidade social e emocional. Com este objectivo, utilizaram-se, tal como já foi referido, entrevistas em profundidade e sessões de grupo de foco. Neste artigo, faz-se uma exposição cruzada desta dupla orientação metodológica, na medida em que se apresentam os resultados de entrevistas em profundidade das mulheres brasileiras e os resultados de um grupo de foco das mulheres ciganas. No que toca às brasileiras, pretendeu-se levantar as suas percepções sobre um fluxo de notícias veiculadas, ao longo de meses, referentes a «Mulheres brasileiras prostituídas». Quanto às mulheres ciganas, pretendeu-se registar as percepções da visualização de uma peça sobre uma «Acção de realojamento» no bairro de São João no Porto. A sessão de grupo realizou-se, tal como foi referido, no bairro da Ameixoeira e envolveu cinco mulheres com idades compreendidas entre os 14 e os 40 anos, sendo que três destas mulheres tinham sido recentemente realojadas neste bairro. Nesta sessão, além da peça jornalística sobre a «Acção de realojamento», foram também visualizados um *sketch* dos *Malucos do Riso*, sobre o cigano Lello, tendo como tema o realojamento, e excertos da telenovela *Chocolate com Pimenta*. A grande pergunta subjacente a esta pesquisa de campo foi: «Como é que as mulheres ciganas se apropriam das imagens sobre a sua comunidade?» No caso da peça televisiva visualizada, enunciou-se a pergunta orientadora da seguinte forma: A notícia sobre o bairro de São João de Deus, no Porto, reporta correctamente as situações vividas nos realojamentos?

Já as entrevistas realizadas na Região Centro a dez mulheres brasileiras – com idades compreendidas entre os 25 e os 47 anos, possuidoras de escolaridade média ou com frequência do ensino superior – seguiram um guião que, entre outros pedidos, solicitava que fossem nomeadas as temáticas televisivas com maior impacto nos seus quotidianos. Do conjunto das entrevistas, salientaram-se as temáticas sobre prostituição e casas de alterne, bem como as referentes às telenovelas brasileiras exibidas na SIC.⁸ Nestas entrevistas, a pergunta orientadora formulada foi: «Nas televisões generalistas quais são os temas sobre brasileiros(as) mais focados?» Seguiu-se uma outra pergunta em que se visava o aprofundamento das percepções e os “sentimentos” das entrevistadas relativamente aos temas que tinham sido referidos.

Os indicadores recolhidos nas dez entrevistas realizadas com mulheres brasileiras resultaram na selecção de uma peça-tipo da SIC, exibida no dia 15 de Fevereiro de 2004, no *Jornal da Noite*, reportando uma acção da polícia em casas de alterne de Bragança. A peça-tipo visualizada pelas mulheres ciganas foi exibida na RTP1, a 2 de

Abril de 2004, e reporta os realojamentos no bairro de São João de Deus, no Porto. Convém referir que a primeira peça foi seleccionada de acordo com os resultados das percepções apuradas nas entrevistas realizadas às mulheres brasileiras.

A análise destas peças pressupõe que a construção de sentido na imagem em movimento está associada a uma série de estratégias e procedimentos técnicos, e não apenas ao texto veiculado, oral ou escrito.⁹ A construção de uma peça envolve, no mínimo, três textos: um texto visual, um texto sonoro/oral e um texto escrito. Para que a peça possa ser lida, é necessário incluir elementos de referência contextualizadores, assim como sequências-tipo de narrativas visuais, sonoras, escritas ou orais (por exemplo, descritivas, argumentativas, explicativas ou dialógicas), identificáveis pelos espectadores (Nel, 1997).¹⁰ As metodologias utilizadas na análise das peças de televisão tiveram em conta a unidade da peça, construída por sequência, ou em sequências, os cenários e os planos no interior das sequências. Nos cenários, foram observados os seguintes elementos: as cenas, a tipologia dos planos e enquadramentos; a construção da imagem pela câmara, nomeadamente os ângulos, a iluminação e a cor, bem como o som (Deacon, Pickering, Golding e Murdock, 1999).¹¹

III. As notícias televisivas e a percepção

Após a explicitação metodológica anterior, este capítulo pretende descrever os resultados obtidos no trabalho de campo com mulheres brasileiras e ciganas. No entanto, não é demais lembrar que, nesta «incisão nos quotidianos» (Alasuutari, 1999; Orozco, 2001), realizada por este tipo de pesquisa qualitativa, a preocupação não é nem a representatividade da amostra, nem a ilustração de tendências da população observada, mas, sim, a compreensão de determinados enunciados realizados. Neste caso preciso, o objectivo é levantar as relações que se estabelecem entre as trajetórias de vida destas mulheres e os sentidos atribuídos a determinadas peças televisivas visualizadas. Nos estudos sobre audiências, nomeadamente dentro da tradição latino-americana (Martín-Barbero, 1997; Orozco, 2001), as «audiências» são entendidas como um conjunto de sujeitos sociais segmentados em função das suas interacções mediáticas, e a «recepção» é percebida como um aglomerado de interacções e negociações dos sujeitos sociais, mediadas por diversas fontes e em diversos cenários, dando origem a apropriações complexas, que vão da reprodução à contestação e à resistência. Já a «percepção» é compreendida como uma actividade cognoscitiva, afectiva e significativa, mediada por diversas fontes, que permite conferir sentidos aos programas televisivos para além dos codificados pela progra-

mação. Na análise das entrevistas realizadas, tentou-se cruzar estas duas últimas perspectivas; no entanto, dadas as trajectórias de vida das mulheres brasileiras e ciganas, a perspectiva cognoscitiva e afectiva acabou por se salientar.

A apresentação do trabalho de campo inicia-se com a exposição dos resultados sobre consumos televisivos das dez mulheres brasileiras e com a descrição das percepções sobre as temáticas mais referenciadas nas televisões sobre o seu grupo. Segue-se a peça-tipo, seleccionada em função dos elementos identificados pelas mulheres como mais recorrentes e com maiores implicações no seu quotidiano.

A exposição do trabalho de campo sobre as mulheres de etnia cigana inicia-se pela descrição da peça-tipo sobre realojamento, seguindo-se o levantamento das percepções verbalizados no momento e logo após a exibição da peça.

1. Mulheres brasileiras: percepção e peça-tipo

Como já foi referido anteriormente, as dez mulheres brasileiras entrevistadas na Região Centro, têm idades compreendidas entre os 25 e os 47 anos, escolaridade média, ou frequência do ensino superior. Assinala-se ainda que têm, na sua maioria, percursos de migração anteriores à chegada a Portugal, tendo habitado em diferentes cidades brasileiras. Por outro lado, estas mulheres chegaram em diferentes momentos – quatro entre 1987 e 1993; seis entre 2000 e 2004 –, possuem situações jurídicas díspares – quatro entrevistadas têm dupla nacionalidade, cinco visto de trabalho e uma residência –, estão ocupadas em serviços de comércio e restauração e exercem actividades inferiores às suas qualificações.

Estas características pessoais, e as trajectórias de vida que percorrem, influenciam os consumos que fazem dos *media*, neste caso da televisão, bem como as apropriações e percepções que têm dos conteúdos visualizados.

Todas as entrevistadas vêem regularmente televisão e têm, em casa, mais de um aparelho a cores. Os programas mais procurados são os jornais televisivos, as telenovelas, os documentários e os filmes. Os canais preferidos são o GNT e a SIC. As entrevistadas nomeiam com precisão os programas e os canais de televisão que mais visualizam.

“Jornal da Noite”, na SIC e... o jornal da RTP1 (2/B); o “Jornal Nacional”, na GNT, e o “Cidade Alerta”, na Record (6/B); assisto muitos [...] Gosto muito de documentários, principalmente sobre a natureza, gosto também de novelas, assisto agora a “Como uma Onda” [SIC] e a “Morangos com Açúcar” [TVI]. Mas sou apaixonadíssima também pelas novelas espanholas. E assisto muitos filmes, e o “Jornal da Noite” [SIC], e o “Jornal da Tarde” [RTP1] também [...] (7/B); [...] só assisto a GNT, e depois passo para a SIC

para assistir as novelas brasileiras. Gosto da “Senhora do Destino”, e da “Andando nas Nuvens” [...] (8/B): Eu gosto de programa de cultura, de comédias, jornais... eu gosto. Eu gosto de novela, Brasil é imbatível, filme americano, eu gosto da GNT, gosto do programa “A Diarista” na GNT [...]. (10/B)

Os fins-de-semana são aproveitados, muitas vezes, para fazer uma varredura, no canal GNT, dos programas que, antes da imigração, faziam parte do quotidiano das vidas destas mulheres.

No fim-de-semana eu procuro ver o “Domingão do Faustão”, o “Didi”, essas coisas... É gostoso. (8/B)

A opinião sobre a programação das televisões portuguesas nem sempre é muito favorável. Consideram os programas portugueses «pouco instrutivos, muito repetitivos... pouco informativos, pouco criativos» (6/B). Ou, como expressa outra das entrevistadas:

Não gosto de nenhum programa português, “Quinta da Celebridade” é uma porcaria, o “Herman” da SIC é um “Sílvio Santos” português. (10/B)

Os jornais televisivos mais procurados são o *Jornal da Noite*, na SIC, e o jornal da GNT:

[...] que é transmitido directamente do Brasil, e que eu gosto de ver porque dá muitas notícias de lá. Para a gente ver como é que está lá e como é que está aqui... fazer uma comparação... (1/B)

Os jornais televisivos são visualizados para «obter informações políticas e económicas», como o desemprego, em Portugal e no Brasil, e a «cotação do dólar e do euro» (6/B). Suscitam igualmente interesse as notícias sobre brasileiros famosos em Portugal.

A opção pelo jornal televisivo da SIC está associada ao consumo de telenovelas brasileiras, que a estação exhibe antes e após o jornal.

[...] o noticiário da SIC, o que passa antes das novelas, o noticiário das 20 horas [...]. (4/B)

No entanto, e em função dos ritmos de trabalho – estas mulheres trabalham frequentemente mais de 10 horas fora de casa – a televisão tem uma função de distração, acompanhando, como pano de fundo, os afazeres domésticos.

[...] quando quero distrair minha cabeça, deixar de pensar em outras coisas [...], vejo televisão e sempre estou fazendo qualquer coisa, saio da televisão e vou passar roupa, lavar loiça. Vejo televisão para distrair o cérebro. (4/D)

Inquiridas sobre os temas mais focados sobre brasileiros(as) nas televisões generalistas portuguesas, a resposta é, em todas as entrevistas, o crime e a prostituição.

As percepções sobre o tratamento conferido a esta última temática adquirem diversos matizes, que vão da aceitação do conteúdo como uma realidade exagerada, até acusarem as notícias de discriminatórias, apesar de algumas afirmarem que as mulheres «brasileiras facilitam» (5/B; 10/B).

A repetição constante de peças sobre esta temática, a extensão das peças e a insistência em determinados focos – principalmente nas imagens de mulheres e de polícia – são as razões que levam a apontar exagero no tratamento da realidade reportada (1/B; 2/B; 5/B; 8/B).

[...] Foram os últimos programas que eu vi que falavam sobre mulheres brasileiras. Aliás, geralmente quando falam das mulheres aqui em Portugal é isso, né? Falam da prostituição delas aqui [...] (1/B); há sempre um ponto a mais, “quem conta um conto, aumenta um ponto”, pronto. (5/B)

Assim, consideram que o que é reportado «pode ser parecido», embora não possam afirmar ser «total verdade» (3/B; 4/B). Referem, ainda, que as notícias são negativas e discriminam as mulheres brasileiras (7/B; 9/B).

[...] Eu acho que é discriminatório. Quando começam [as televisões] a falar sobre isso não param mais, eu acho horrível (7/B); [...] uma imagem negativa, fizeram uma imagem, alarme à toa, fizeram a imagem delas cada vez mais em baixa, prejudicou toda a classe feminina. (9/B)

Mas, também, há imagens positivas sobre brasileiros, quase todas sobre artistas.

Eu acho que tem muitas histórias boas de brasileiros aí, a gente vê na própria televisão, mas são artistas, né, que tem condições de mostrar o que valem, acho que é diferente [...]. (4/B)

As entrevistadas referem ainda que determinados comportamentos, próprios da cultura brasileira, levam a que as mulheres tenham «má fama» em Portugal.

[...] a mulher brasileira tem má fama! O que eu, por acaso, não sabia, mas que acabei por perceber. É por causa dessa coisa da mulher andar com menos roupa, o que acaba por chamar a atenção, e então [...]. (2/B)

As percepções que as mulheres entrevistadas têm das notícias são bastante recorrentes. Elas afirmam que a história é sempre parecida (4/B), pois conta histórias de mulheres que sabem ao que vêm, ou de outras que são enganadas, presas e traficadas.

Os sentimentos que estas percepções despertam são, também, variados. Por um lado, todas as entrevistadas ficam «tristes», quando visualizam estas notícias, porque as mulheres foram enganadas e sofreram, e porque consideram que há outras formas de «ganhar a vida». As referências às suas trajetórias pessoais, às suas histórias de vida e a «casos semelhantes» que presenciaram são, também, constantes.

Eu encontrei uma em Espanha, em Vigo, quando fui pedir uma informação. E ela me falou meio espanhol, meio brasileiro, e disse o seguinte: «Olha, é ali, assim, assim.» Daí eu disse: «Você é brasileira!» Ela disse: «Sou.» Ela depois me contou que trabalhava num clube – eu achava, naquela altura, que era um clube de natação ou um clube de ginástica, e na verdade não é. Eu disse a ela que vivia e trabalhava em Portugal. E ela disse que eu poderia vir trabalhar no clube dela para ganhar o triplo do que eu ganho. (6/B)

Algumas referem que sentem «raiva» pelas mulheres que têm essa actividade, pois estas histórias, que são «parecidas com a realidade», aumentam a discriminação dos portugueses(as) pelas mulheres brasileiras.

Eu sinto tristeza, mas ao mesmo tempo eu sinto raiva, porque algumas sabem que vêm para a prostituição e não se importam muito com a reputação. A brasileira aqui já é tão discriminada, de modo geral, e isso faz piorar ainda mais a imagem da mulher brasileira. Cá em Portugal, a imagem que se tem é que as brasileiras são todas da prostituição. (1/B)

As entrevistadas expressam ainda sentimentos contraditórios relativamente às mulheres portuguesas enganadas pelos maridos. Por exemplo, uma afirma que elas têm todo o direito de «querer botar para correr» estas mulheres que «lhes roubam os maridos» e que, «se estivesse no lugar delas e pudesse, faria o mesmo» (6/B). Já outra, referindo-se a uma notícia da SIC sobre as casas de alterne, afirma que o marido «vai porque quer» e ninguém o obriga (10/B).

Na SIC passou sobre as casas de alterne, falaram que as brasileiras só vêm para cá para se prostituir, que as brasileiras vinham para cá para roubar os maridos, mas isso é ignorância do povo, porque ninguém rouba ninguém, né?! O marido vai porque quer [...]. (10/B)

Nos contactos regulares com os parentes no Brasil, sobretudo com as mães, por telefone ou na Internet, esta temática tanto pode ser abordada, como evitada. No primeiro caso são os familiares que estão no Brasil que as interrogam sobre alguma notícia visualizada lá. No segundo caso, as entrevistadas evitam relatar estas notícias, que afirmam interferir de forma discriminatória nas suas vidas, para não preocupar os seus familiares.

Não costumo falar porque as pessoas que ficaram no Brasil elas se preocupam mesmo, de verdade, com o que está acontecendo comigo aqui, e eu sei que se eu falasse sobre as questões que estão acontecendo aqui as pessoas iam se preocupar demais e iam forçar a barra para eu voltar e que eu não preciso passar por isso e tal, mas foi uma opção minha, foi uma coisa que eu escolhi e eu sei que é uma coisa que eu posso passar por cima. (4/D)

Agora, eu falo sobre isso raramente. Falei mais na época das mulheres de Bragança, mas agora não. Eu tenho outros assuntos mais importantes para falar com a minha família. (7/D)

Com base nestas percepções sobre as notícias sistematizam-se, no Quadro I, os elementos constitutivos da peça-tipo, tendo em conta as categorias nomeadas: canal, local, cenários, actores e acção.

Quadro I – Percepção das categorias e dos elementos constitutivos das peças sobre «Mulheres brasileiras prostituídas»

Canal	Local	Cenários	Actores	Acção
SIC (+nomeado)	Norte de Portugal (Bragança, Braga), Espanha	Casas de alterne; Esquadras PSP/GNR	Mulheres BR, PSP/GNR	Encerramento das casas; Mulheres levadas para esquadras em carros

Esta sistematização fundamentou a selecção da peça-tipo, exibida na SIC, no dia 15 de Fevereiro de 2004, em que estão presentes as categorias e os elementos identificados. A reportagem tem a duração de 2m15s e é introduzida pelo *pivot* em estúdio, com o seguinte texto, lido em 21 segundos:

Começou uma ofensiva contra aquilo que a revista *Times* chamou «o mais recente centro de prostituição da Europa». Dois dos proprietários estão detidos sob suspeita de incentivo à prostituição e apoio à imigração ilegal. Foram identificadas 43 brasileiras em situação irregular.

Segue-se uma sequência de imagens, constituída por diversos cenários, todos filmados durante a noite, onde se identificam três casas de alterne e a selagem de uma delas. Não há imagens dos proprietários presos e acusados. Não há imagens dos clientes. O texto que acompanha o início da reportagem, lido em *off* pelo repórter, descreve a acção:

Era noite de casas cheias em Bragança. Durante mais de 10 horas a mega-operação foi realizada em simultâneo nos três maiores bares de alterne da cidade, praticamente os últimos que ainda funcionavam. Os 70 agentes destacados para os locais começaram por convidar os clientes a sair. Mais tarde, era a vez das 43 mulheres em situação ilegal.

A identificação e detenção das mulheres brasileiras ocupam 25 segundos da peça e quatro planos. As autoridades policiais explicam a acção realizada em três planos, com duração de cerca de 40 segundos cada. As movimentações da polícia e dos carros ocupam o tempo restante da reportagem.



O local onde se dá a acção é Bragança e identificam-se três casas de alterne. A peça foca com clareza a acção das forças policiais, neste caso a PSP, bem como os carros e carrinhas da corporação. As acções mais nomeadas, como a detenção e identificação das brasileiras, estão também presentes nesta peça.



2. Mulheres ciganas: peça-tipo e percepções

A grande pergunta subjacente à pesquisa de campo com as mulheres ciganas foi: «Como é que as mulheres ciganas se apropriam das imagens sobre a sua comunidade?» No caso da peça televisiva visualizada, enunciou-se a pergunta orientadora da seguinte forma: «A notícia sobre o bairro de São João de Deus, no Porto, reporta correctamente as situações vividas nos realojamentos?»

2.1. Realojamento de ciganos no bairro de São João de Deus, no Porto

A peça da RTP1, de 2 de Abril de 2004, sobre uma «Acção de realojamento» no bairro de São João de Deus, no Porto, tem a duração de 2m14s e relata a acção de demolição de dez blocos de habitação no bairro. Esta acção, ordenada pela Câmara do Porto, foi apoiada pelo Comando Metropolitano do Porto e visou transferir moradores de etnia cigana para outros bairros. A peça é constituída por quatro sequências, que integram diferentes cenários, cenas e planos. A 1.^a sequência corresponde a uma imagem de estúdio; a 2.^a sequência compreende 12 planos exteriores (a reportagem), tendo como único cenário o bairro de São João de Deus; a 3.^a sequência é de novo a imagem do *pivot* no estúdio; e a 4.^a e última sequência tem como cenário as instalações da Câmara e um plano de um vereador.

1.^a Sequência – O cenário é o estúdio. É composta pela imagem do *pivot* em primeiro plano, com os ombros e a cabeça voltados para a câmara. Este plano é utilizado nos jornais televisivos, com o objectivo de centrar o espectador na figura do *pivot* e na credibilidade do texto proferido. O primeiro plano do *pivot* está rodeado de elementos de cena na região de fachada, na região posterior e na região traseira.¹²

Os elementos de cena da região de fachada encontram-se no «oráculo» («Tensão no bairro de São João de Deus») e no *news ticker* (no exemplo de imagem que damos, este elemento não se refere ao tema em análise). Na região traseira, estão os elementos que compõem uma redacção de televisão. Integram ainda este plano três elementos icónicos: o logótipo da RTP1 e o horário (20h56). As cores dominantes no estúdio são os diferentes matizes de azul e vermelho. A este texto visual, que já contém elementos escritos, junta-se o texto lido pelo *pivot*:

Câmara do Porto avançou com a demolição de dez blocos no bairro de São João de Deus. Desalojadas mais de 70 famílias, numa operação que decorreu com grande aparato policial.

2.^a Sequência – Esta sequência é constituída por sete cenas exteriores, tendo como cenário o bairro de São João de Deus. 1.^a Cena – A repórter está em *off* e lê

um texto enquanto a câmara apresenta dois planos gerais da demolição, por uma escavadora, de um bloco de andares. Texto da repórter: «Os moradores queixam-se que não houve tempo para esvaziar as casas, ficaram sem nada.»

2.^a Cena – O cenário é uma rua cheia de móveis, onde a câmara foca, em plano aproximado, uma primeira mulher cigana:

Não deixaram tirar nada, não me deixaram sequer ver as coisas do meu quarto [aponta para um andar em demolição e fala com a repórter que não está em cena], ainda se vê os móveis dos miúdos, mais de mil contos, está tudo ali.

Pergunta da repórter em *off*: «Porque não tirou antes?»

3.^a Cena – Outro ângulo da demolição e dos pertences dos moradores compõe o cenário, a câmara foca de novo em plano aproximado a mesma mulher:

Porque não sabia, pois não deram prazo. Se dessem prazo a gente tínhamos tirado. Não deram prazo.

4.^a Cena – Uma segunda mulher, enquadrada também em plano aproximado pela câmara. Ao fundo movimentam-se outras mulheres e homens carregando móveis. Responde também à repórter:

Ontem espetaram com um papel aqui na porta. Para tirar as coisas da casa, mas não deram prazo. Não deram quanto tempo tínhamos, nada. O que nos levou a pensar que não seria hoje, pela manhã.

5.^a Cena – Texto em *off* da repórter: «A revolta dos despejados estendeu-se ao resto do bairro.» São visualizados planos gerais e médios da demolição dos prédios, dos moradores a carregar os móveis para dentro de carrinhas e de polícias vigiando as acções de demolição.



6.^a Cena – Plano de conjunto de mulheres que protestam veementemente: «Eles são uns filhos da puta!!! Deveriam morrer, todos!!!»

7.^a Cena – Planos de conjunto das demolições do bairro e do cordão da polícia para impedir ações dos moradores. Voz em *off* da repórter:

Foram despejadas 32 habitações integradas em dez blocos do bairro de São João de Deus. Tinham sido notificadas 70 famílias, 38 já estão realojadas. A operação de demolição foi sempre seguida pelo Comando Metropolitano do Porto, entre Polícia Municipal e Polícia de Segurança Pública, corpo de intervenção e brigadas à paisana. Estiveram no bairro cerca de 300 homens. Esta demolição faz parte do plano de conversão decidido pela autarquia do Porto. O executivo de Rui Rio quer diminuir o número de fogos em 80%.

3.^a Sequência – É constituída por uma cena no estúdio. O *pivot* lê em primeiro plano o texto voltado para a câmara:

A Câmara do Porto desdramatiza a situação. A autarquia diz que a operação de despejo ocorreu sem sobressaltos e garante que as pessoas que não foram realojadas ocupavam abusivamente as casas.

4.^a Sequência – É constituída por uma cena. Um vereador lê um comunicado, em primeiro plano, para as câmaras:

A operação decorreu em total normalidade e conforme programado, mobilizando, naturalmente, um razoável aparato de segurança para prevenir eventuais situações de risco, para além do trabalho técnico confiado aos empreiteiros. A esmagadora maioria das pessoas têm vindo a ser realojadas em outros bairros em melhores condições e livres do pesadelo da droga.

2.2. Apropriações da peça visualizada

Como lêem esta peça as mulheres ciganas que participaram no segundo grupo de foco desta pesquisa? Que sentidos atribuem às imagens visualizadas, estas mulheres que viveram processos de realojamento? Como se apropriam das representações e das narrativas desta peça televisiva?

As cinco mulheres que integraram este grupo têm idades compreendidas entre os 14 e os 30 anos, estão em ciclos de vida diferentes: três são casadas, têm filhos; duas são solteiras. Apenas uma trabalha na venda ambulante e outras vivem do rendimento mínimo de inserção. Das cinco mulheres, três viveram a experiência dos realojamentos. Na reunião de grupo, nem todas tiveram o mesmo grau de participação, o que levou a que se salientassem as entrevistadas casadas, 1/C, 2/C e 3/C.

As três mulheres mais velhas afirmam ver regularmente, todos os dias, televisão e, preferem as notícias, enquanto as mais jovens admitem que as telenovelas são o programa preferido. As mulheres casadas ocupam-se das tarefas domésticas, mas mantêm a televisão ligada: «Quando tenho tempo vejo, quando não tenho tempo... está acesa mas não ligo...» (1/C)

As mais velhas são, também, da opinião de que poucas vezes se fala da comunidade cigana e, quando é focada «mostram partes que são mais... como é que hei-de dizer... mais a rebaixeza!... Nunca mostra a parte melhor. Porque a gente temos partes melhores! Não é só carregar!» (3/C).

Durante a visualização da peça sobre os realojamentos, são as mulheres casadas que mais verbalizam as suas percepções a respeito das imagens visualizadas. Situar o acontecimento no espaço e no tempo foi a primeira preocupação das participantes do grupo: «Isto foi onde?» (3/C). A identificação do bairro e da situação é feita imediatamente pela mulher mais velha: «Ah! Isto foi quando tiraram as casas e não têm para onde ir, não é? [...]. No Porto. [...] No bairro de São João» (1/C)

A visualização do início da 2.^a Sequência, aquando da intervenção das duas mulheres que referem ter perdido todos os pertences por não terem sido avisadas, suscita exclamações e comentários de indignação a todas as participantes: «São tão maus, pá! Puxa! Somos cães?... Ah! Jesus! Ah! Jesus Cristo! Fazem tudo à maneira deles e já está! Não deixaram tirar nada lá de dentro!» (3/C). Exclamações perceptíveis de reprovação são, igualmente, ouvidas, quando a repórter em *off* descreve os meios policiais envolvidos e as imagens mostram o cordão de polícia em volta das demolições.

Após a visualização da peça, os comentários centraram-se em juízos de opinião sobre o acontecimento visualizado e nas semelhanças, ou diferenças, do acontecimento reportado com a realidade vivida por algumas destas mulheres. As reprovações à actuação da Câmara e da Polícia ganharam ênfase. No entanto, uma das mulheres que viveu o processo de realojamento reconheceu que não tinha tido aquele tratamento:

À gente não nos fizeram isso! Deram-nos um prazo para a gente tirar as coisas: “Tal dia vocês têm que deixar a casa. Têm tantos dias para irem pondo as vossas coisas na casa nova.” (1/C)

Uma das mulheres (2/C), que afirma ter tido uma tia a morar no bairro, comenta a notícia numa perspectiva diferente, próxima do comunicado lido na peça pelo vereador da Câmara do Porto:

Eles não eram... para ter tirado as pessoas assim, da maneira que tiraram, porque houve muita pessoa que para além de terem razão, perderam a razão, pelos que lá estavam sem poderem lá estar. (2/C)

As causas que levam ao realojamento, entre elas o tráfico e o consumo de droga, são também reconhecidas por todas as mulheres como um problema que atinge a comunidade, envolvendo muitos ciganos. No entanto, tal como afirma a entrevistada 1/C, descartam *todas* as culpas, recorrendo a uma apreciação negativa sobre o próprio grupo: «Olhe, quem trouxe a droga para cá não foi os ciganos!... De certeza que não foi, porque o cigano não tem esperteza para isso!» (1/C)

A mesma mulher estabelece uma relação entre a imagem dos ciganos na sociedade dominante e as imagens visualizadas na televisão:

[...] quando matam alguém, matam alguém... por exemplo se for da sua raça [referindo-se a uma das mediadoras] não dizem que é... pronto, não dizem nada! Dizem: «Fulano com 20 e tal anos matou fulano!» Mas quando há um cigano a matar, dizem logo: «Etnia cigana!» Metem logo o nome! «Etnia cigana!» Metem logo, logo à frente do caso! (1/C)

A mesma percepção é aprofundada pela entrevistada 2/C, que considera que as televisões nem sempre são «justas» nas imagens que exibem sobre a comunidade cigana, assinalando procedimentos diferenciados relativamente a outras minorias:

[...] por exemplo uma expressão a falar de pretos, não fazem assim! É raça negra! Etnia... e a gente é a vossa raça! Às vezes eu fico danada e digo: “Aqui não há raça, porque aqui não há cães!” Aqui é etnias! (2/C)

Uma afirmação que aponta para rivalidades entre duas comunidades socialmente desfavorecidas e que tende a confirmar estudos efectuados sobre esta matéria (Vala, 1999).

Todas as mulheres são unânimes em reconhecer que as imagens dominantes dos ciganos nas notícias têm um carácter negativo, apesar de, por vezes, surgirem algumas mais favoráveis, como as que reportam casamentos e festas.

Ressalta-se, ainda, um outro aspecto importante. Todas as entrevistas têm uma noção bastante precisa de que as televisões e os jornalistas seleccionam, em função de critérios próprios, as imagens que exibem nos jornais televisivos. Uma das entrevistadas dá conta deste procedimento (2/C), relatando, como exemplo, uma situação que viveu no bairro:

Uma vez vieram cá quando foi por causa de realojarem as pessoas. Foi lá acima ao bairro antigo; estava lá a vereadora, e eu até reclamei porque deram-me um quarto a mais e no fim tive de estar com o meu filho, seis meses a dormir no mesmo quarto... Estava a câmara a filmar... “Ah! Eu vou lá a sua casa; não sei quê, não sei que mais; eu sei que isso não apareceu na televisão, nem ele lá apareceu lá em casa!...” Filmaram, mas depois devem ter desgravado, porque depois a vereadora... calhou ela no noticiário!

Conclusão

A primeira conclusão deste trabalho aponta para o papel da televisão no quotidiano destas mulheres. Tanto as mulheres brasileiras como as mulheres ciganas visualizam diariamente a televisão, preferindo os jornais e as telenovelas. Os dois grupos de mulheres procuram, assim, primeiro a informação e, depois, o entretenimento. Em seguida, tanto as entrevistadas como as participantes do grupo de foco tendem a assistir à televisão simultaneamente à realização de outras tarefas domésticas.

Os dois grupos de mulheres analisados observam, também, que as televisões preferem veicular apenas notícias negativas, contribuindo para acentuar determinados estereótipos presentes na sociedade dominante.

No entanto, são diferentes as percepções, bem como as apropriações dos conteúdos, pois vinculam-se aos percursos de cada grupo e de cada uma das participantes. Deste modo, as mulheres ciganas discutem e comparam a peça que visualizaram com a sua experiência, ou com a de outros realojamentos. Nesta perspectiva, os testemunhos das mulheres realojadas na peça são amplamente apoiados, enquanto as intervenções da Polícia e da Câmara são ou censuradas ou discutidas. As discussões vão no sentido de aprofundar questões apenas afloradas nas peças, como o consumo e tráfico de droga existente em muitos dos bairros de realojamento. A visualização da peça leva, assim, por um lado, à expansão da temática e à associação de outras experiências, mas envolve, também, o reconhecimento de que a televisão, através dos noticiários, prolonga as relações existentes entre a sociedade dominante e a minoria cigana. As mulheres ciganas enunciam também desconfianças relativamente à forma como as notícias são construídas, e verbalizam, de forma bastante concreta, os critérios de selecção que dão origem à escolha de testemunhos nas peças.

Nas entrevistas, as mulheres brasileiras identificaram o tema «mulheres prostituídas» como sendo o mais recorrentemente veiculado nas televisões generalistas. O constante fluxo mediático sobre essa temática permitiu-lhes memorizar cenários, actores, acções e locais, que reconstituem verbalmente. Elas consideram que a televisão é de certa forma «o espelho da realidade», mas muitas vezes tende a distorcê-la, acentuando a discriminação que elas experimentam quotidianamente na sociedade. A reconstrução das notícias faz-se, quase sempre, a partir das suas trajectórias de vida e de imigração, associando-se a situações vividas ou conhecidas pelas entrevistadas. Estas mulheres têm a percepção de que alguns aspectos culturais do seu grupo, que estão associados aos estereótipos existentes na sociedade portuguesa, encontram eco nas notícias sobre as mulheres prostituídas brasileiras, acentuando a discriminação e interferindo nos quotidianos de todas as outras mulheres.

NOTAS

- ¹ Este projecto envolveu gravações de jornais televisivos, publicidade, programas de ficção e entretenimento, exibidos nos canais generalistas das 19h30m às 22h30m, num total de 40 cassetes, correspondendo a cerca de 200 horas de gravação do *prime-time*, no período de Março a Maio de 2004. Os dados referentes aos grupos seleccionados, mulheres brasileiras imigrantes e mulheres ciganas, foram tratados e registados no programa SPSS. Ainda dentro desta metodologia de trabalho, fez-se a selecção de peças e programas para posterior visualização.
- ² Cf. os textos de Molotch, H. e Lester, M., «News as purposive behaviour: on the strategic use of routine events, accidents and scandals», in Berkowitz, D. (1997), *Social Meanings of News*, Londres: Sage; Hall, S., Critcher, C., Jefferson, T., Clarke, J. e Roberts, B. (1978), *Policing the Crisis*, Londres: Macmillan Press. Cf. os mesmos autores no manual dirigido por N. Traquina (1993), *Jornalismo, Questões, Teorias e «Estórias»*, Lisboa: Vega.
- ³ Tulloch, J. «Television and Black Britons», in Goodwin, A. e Whannel, G. (1987), *Understanding Television*, Londres: Routledge, pp. 141-152.
- ⁴ Por exemplo, autores como C. Sparks e P. Dahlgren (1992), *Journalism and Popular Culture*, Londres: Sage.
- ⁵ Bird, S. E., «Audience demands in a murderous market: tabloidization in U.S. television news», in Sparks, C. e Tulloch, J. (2000), *Tabloid Tales: Global Debates Over Media Standards*, Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, pp. 213-228.
- ⁶ Cf. Felner, R. D. (2003), «Em breve haverá 100 mil legalizados a viver em Portugal», jornal *Público* (Lisboa), 2 Nov.: 2-3; Cf. Relatório Estatístico de 2004 do SEF (www.sef.pt).
- ⁷ Cf. Ferin Cunha, I., Santos, C. et al. (2004), *Media, Imigração e Minorias Étnicas*, Lisboa: ACIME; Ferin Cunha, I., Santos, C. et al. (2006), *Media, Imigração e Minorias Étnicas II*, Lisboa: ACIME.
- ⁸ Estes resultados estão publicados em artigo da revista *Media & Jornalismo*.
- ⁹ Aplicamos aqui o conceito de texto de John Hartley, quando considera que os *media* constroem unidades de sentido que devem ser lidos, analisados e interpretados através de uma intertextualidade. Cf. Hartley, J. (2002), *Comunicação, Estudos Culturais e Media*, Lisboa: Quimera, pp. 260-262; Hartley, J. (2000), *Los Usos de la Televisión*, Barcelona: Paidós.
- ¹⁰ Nel, N. (1997), «Généricité, séquentialité, esthétique télévisuelles», *Réseaux*, n.º 81, p. 36.
- ¹¹ Elementos adaptados dos estudos de caso descritos em: Deacon, D., Pickering, M., Golding, P. e Murdock, G. (1999), *Researching Communications*, Londres: Arnold, pp. 208-247.
- ¹² Categorias adaptadas do texto de Goffman, «Regiões e comportamento regional». Cf. Goffman, E. (1993), *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*, Lisboa: Relógio d'Água, pp. 129-167.

BIBLIOGRAFIA

- ALASUTARI, P. (1999), *Rethinking the Media Audience*, Londres: Sage.
- APPADURAI, (2004), *Dimensões Culturais da Globalização*, Lisboa: Teorema.
- BAGANHA, M. I. e GÓIS, P. (1999), «Migrações Internacionais de e para Portugal: o que sabemos e para onde vamos?», *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 52-53, Coimbra: ICS, pp. 229-280.
- BARATS, C. (2001), «Les mots de l'immigration et l'etnicisation des rapports sociaux: les cas des débats télévisés français sur l'immigration», *Reseaux*, 107, pp. 149-179.
- BARKER, C. (2003), *Televisión, Globalización e Identidades Culturales*, Barcelona: Paidós.
- CANCLINI, N. G. (2001), *La Globalización Imaginada*, Buenos Aires: Paidós.
- CASA-NOVA, M. J. (2004), «Etnicidade e educação familiar – o caso dos Ciganos», *V Congresso Português de Sociologia, Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção*.
- COSTA, M. (2004), *Histórias de Vida. Representações Sociais da Comunidade Cigana*. Tese de Doutoramento apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra.
- FAIRCLOUGH, N. (1995), *Media Discourse*, Londres: Arnold.
- FERIN, I., POLICARPO, V., MONTEIRO, T. L. e FIGUEIRAS, R. (2002), «Media e discriminação: um estudo exploratório do caso português», *Observatório da Comunicação*, 5.
- GASPARD, F. (1998), «Invisíveis, diabolizadas, instrumentalizadas: figuras de mulheres migrantes e das suas filhas na Europa», *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 50, Coimbra: ICS.
- GONÇALVES, M. e FIGUEIREDO, A. (2005), «Mulheres imigrantes em Portugal e mercado de trabalho», *Imigração e Etnicidade: Vivências e Trajectórias de Mulheres em Portugal*, Lisboa: SOS Racismo.
- JAMIESON, K.H.J. e CAMPBELL, K.K. (2000) *The Interplay of influence: Media and their Publics in News, Advertising and Politics*, Belmont: Wadsworth.
- KURPIUS, D. (2002), «Sources and civic journalism: changing patterns of reporting», *Journalism and Mass Communication Quarterly*, 79, pp. 853-866.
- LAGES, M. e POLICARPO, V. (2003), *Atitudes e Valores Perante a Imigração*, Observatório da Imigração, Lisboa: ACIME.
- LIVINGSTONE, S. (1990), *Making Sense of Television*, Londres: Routledge.
- LOPES, M. I. V. de, BORELLI, S. e RESENDE, V. (2002), *Vivendo com a Telenovela*, São Paulo: Summus Editorial.
- MACHADO, I. J. R. (2004), «Imigrantes brasileiros no Porto», *Lusotopie*.

- MALHEIROS, J. M. (2005), «Jogos de relações internacionais: repensar a posição de Portugal no arquipélago migratório global», *Globalização e Migrações*, Lisboa: ICS.
- MARINHO, M. e AMARO, M. I. (2003), «Os Ciganos em Portugal: Aproximação I», *Intervenção Social*, 27.
- MARTÍN-BARBERO, J. (1997), *Dos Meios às Mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia*, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- MARTÍN-BARBERO, J. e REY, G. (2001), *Os Exercícios do Ver*, São Paulo: SENAC.
- MENDES, M. M. (1998), «Etnicidade cigana, exclusão social e racismos», *Sociologia*, Porto: Faculdade de Letras.
- MENDES, M. M. (2005), *Nós, os Ciganos e os Outros: Etnicidade e Exclusão Social*, Lisboa: Livros Horizonte.
- MILLS, C. W. (1975), *A Elite do Poder*, Rio de Janeiro: Zahar Editora.
- MOROKVASIC, M. (1993), «In and out of the labour market: gender and immigration in the European Union», *New Community*, 19: 3.
- OROZCO, G. (2001), *Televisión, Audiencias y Educación*, Buenos Aires: Norma.
- OROZCO, G. (2002), *Recepción y Mediaciones*, Buenos Aires: Norma.
- PADILHA (2005), «Redes sociais e integração de facto dos brasileiros em Portugal», *I Congresso Internacional sobre a Imigração em Portugal e na União Europeia*, Vila Real de Santo António.
- PEIXOTO, J., SOARES, J. G., COSTA, P. M., MURTEIRA, S., PEREIRA, S. e SABINO, C. (2005), *O Tráfico de Migrantes em Portugal*, Lisboa: ACIME.
- PEIXOTO, J. (2004), *As Teorias Explicativas das Migrações: Teorias Micro e Macro-Sociológicas*, Lisboa: SOCIUS/ISEG: 11.
- PERISTA, H. (1998), «Mulheres em diáspora na União Europeia. Percursos migratórios e trajectórias profissionais e familiares», *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 50, Coimbra: ICS, pp. 186-198.
- RIGGINS, S. H. (ed.) (1997), *The Language and Politics of Exclusion: Others in Discourse*, Londres: Sage.
- VALA, J. (org.) (1999) *Novos Racismos*, Oeiras: Celta.